

## **A Cultura Imperialista Britânica Por E.M.Forster E Eça De Queiroz**

Wendell Ramos Maia

Resumo: Procurando estabelecer um paralelo entre o comportamento e os questionamentos dos protagonistas do romance *A Passage to India* de E.M.Forster (1879-1970) com os artigos reunidos em *Notas Contemporâneas*, de Eça de Queiroz (1845-1900), faremos uma abordagem a respeito da expansão colonial britânica nas últimas décadas do século XIX e o choque cultural que esse movimento impulsionou nas colônias. Nesse sentido, uma análise deverá complementar a outra: as críticas infringidas por E.M.Forster à cultura de dominação inglesa estarão ao lado das de um português que via com estarecimento as fronteiras do Império Britânico se dilatarem de maneira irrefreável. Não de outro modo, a cultura imperialista britânica será aqui apresentada sob dois ângulos em momentos quase concomitantes, mas com um senso crítico parecido.

Palavras-chave: E.M.Forster; Eça de Queiroz; Império Britânico; século XX.

## Introdução

Em 1921 um navio aportou em Bombaim, Índia — colônia britânica. Pela segunda vez, E.M.Forster chegava à Índia. Carregava consigo o manuscrito de um romance que levou mais de uma década para concluir, *A Passage to India*. Enquanto esteve ali, e essa estadia se prolongou até 1922, ele não conseguiu avançar em seu trabalho.

“Tive um bocado de dificuldades com esse romance, pensei que jamais o terminaria. Iniciei-o em 1912, e então veio a guerra. Levei-o comigo quando retornei a Índia, em 1921, mas descobri que o que eu tinha escrito não era a Índia de modo algum. Era como uma fotografia numa pintura. No entanto, eu não conseguia escrevê-lo enquanto estava na Índia. Quando saí de lá, pude continuá-lo.”<sup>1</sup>

Nesse romance em particular existe um espectro de *indignação*, e mais do que isso, um *questionamento* da ocupação britânica. E.M.Forster não vê, obviamente, o lado econômico da empresa colonial — que de fato, era o que fazia com que a Inglaterra mantivesse a ocupação — mas o lado humano através das relações entre a Senhora Moore e Adela Quested com o Dr. Aziz, um médico indiano. A altura em que E.M.Forster o escrevia, a Índia não era mais um longínquo posto comercial como o era no século XVIII — era a colônia mais populosa e mais lucrativa. E os ingleses conseguiram isso mediante a esforços e uso de mecanismos dos mais variados para manter sua posição no subcontinente. Mesmo que o levante de 1857 tenha sido sufocado, uma força subconsciente contra a ocupação resistiu, tendo emergido esporadicamente até a independência da Índia, em 1947. E embora essa resistência pareça latente no momento em que Adela e a Senhora Moore chegam a Índia, ela é explorada no romance a partir do incidente nas Cavernas de Marabar. O incidente aferra os ânimos e deixa as vísceras de fora da mesma forma como aconteceu quando do estouro do caso de O’Dwyer, em 1922, cujo pivô fora o livro *Gandhi e a Anarquia*, publicado na Índia — o peso do incidente se faz sentir e suscitou discussões a respeito da legitimidade da ocupação e da posição dos ingleses.

Publicado em 1909, mas tratando de assuntos referentes às últimas décadas do século XIX, *Notas Contemporâneas*, de Eça de Queiroz, alumia questões referentes a expansão da empresa colonial britânica, a fase anterior aquela retratada em *A Passage to India* — a ocupação britânica do Egito, a inauguração do Canal de Suez. Em outros artigos, esses reunidos em *Cartas Inéditas Fradique Mendes* (1900), *Cartas de Inglaterra* (1905) e *Ecos de Paris* (1905), além dessa discussão acerca da expansão britânica, ele descreve a atmosfera dos acontecimentos acerca da evolução do quadro político naqueles anos finais do século e traça previsões a respeito das potencialidades de um conflito generalizado que pairava sobre a Europa — e que de fato veio a ocorrer anos depois de sua morte — “E bem pode suceder que a Europa um dia acorde ao fragor de exércitos que se entrechocam — só porque na alma do grande *diletante* [o Kaiser Wilhelm II] o feroso apetite de ‘conhecer a guerra’, de gozar a guerra sobrepujou a razão, os conselhos e a piedade da pátria”<sup>2</sup> [uma visão um tanto equivocada, afinal, ao contrário do veterano de guerra Churchill, que o atacou em 1914 acusando-o de querer dominar a Europa, em seus 25 anos de governo até então, o Kaiser jamais havia visto uma batalha e nem se envolvido em qualquer conflito].

A instabilidade e animosidades no quadro político entre as grandes potências européias, gerados pela unificação alemã e italiana e agravados disputas coloniais nas últimas décadas do século XIX, descritos por Eça de Queiroz, desembocaram na Grande Guerra, em 1914 — “a situação da Europa, na realidade, nunca deixou de ser medonha. Tem-no sido melancolicamente e apaixonadamente todo este século. Foi-o durante todo o século XVIII (...). A ‘crise’ é a condição quase regular da Europa.”<sup>3</sup> A evolução do quadro político e do Imperialismo europeu é o pano de fundo deste artigo. Enquanto Eça de Queiroz se debruçava e analisava a corrida imperialista, destacando a expansão colonial britânica, E.M.Forster, escrevendo ao logo da evolução do conflito e tendo assistido a seus desdobramentos, e

sentindo o peso das dívidas que ele deixou em 1918, abordou um lado pouco comentado do Imperialismo britânico e europeu, a situação dos povos nativos, desenvolvida em *A Passage to India*.

### **Eça de Queiroz e o Império Britânico do Século XIX**

Eça de Queiroz chegou a Newcastle, no último dia de 1874 — esse era um dos maiores centros de exportação de carvão da Inglaterra. Tratava-se de “uma cidade de tijolo negro”, ele escreve, “meio afogada em lama, com uma espessa atmosfera de fumo, penetrada dum frio húmido, habitada por 150.000 operários descontentes, mal pagos e azedados e por 50.000 patrões lúgubres e horrivelmente ricos.”<sup>4</sup> Ali ele permaneceu até 1879, sendo depois transferido para Bristol. Foram poucos anos, mas o suficiente para que ele tivesse uma outra visão dos ingleses, de sua sociedade e sua literatura. Impressão maior, contudo, foi-se dando com o passar daqueles anos diante da expansão do Império Britânico.

Sua relação com a Inglaterra passa e oscila essencialmente entre algum estarecimento e incompreensão — “a Inglaterra é uma pocilga de devassidão.”<sup>5</sup> Em uma carta a Ramalho Ortigão, escreve: “É o clima, é a horrível hostilidade exterior da natureza, é o incessante descontentamento da vida física, que faz com quem esta raça viva sempre dentro de si mesma, e, em lugar de tomar como objecto de contemplação e de inspiração a natureza exterior, tome sua própria alma: daí vem as elevações místicas do puritanismo, a ciência das paixões de Shakespeare, a violenta concepção de Dickens e o amor pelas observações psicológicas que é o fundo desta literatura.”<sup>6</sup>

Quando estourou a Guerra dos Sete Anos em 1756, França e Inglaterra disputavam o controle das rotas marítimas e do comércio na Índia — em outras palavras, a hegemonia mundial. A temperatura aumentou conforme o tempo e o progresso do comércio marítimo da Companhia das Índias Orientais inglesa em detrimento da França. É verdade que no final do século XVIII, quem estivesse na Índia, acharia no mínimo ridícula a de idéia a Inglaterra pudesse dominá-la ou mesmo o mundo — mas ironicamente, foi o que aconteceu. É verdade que no início os franceses tiveram sucesso em sua investida para expulsar os ingleses da Índia quando o conflito fora deflagrado e se alastrou pela Europa. Mas a estratégia britânica se mostrou eficiente. O que a salvou foi exatamente o que foi determinante para a construção de seu Império e a manutenção dele: a marinha — que por sua vez foi usada para atacar e deixar o exército inglês espalhado por diversos pontos e derrotar o inimigo. Ao fim do conflito o saldo era um só: a Índia era britânica.

Ocorre que nesse momento o Império Britânico não se resumia a Índia — e ela nem mesmo era uma colônia do porte ou com a estrutura das demais; a Índia não passava de longínquo posto comercial. Havia Austrália, Nova Zelândia, Canadá, ilhas no Caribe e até a década de 1770, as Treze Colônias, que depois se tornariam os Estados Unidos. Nesse sentido, as raízes do Império estão ainda no século XVII e XVIII, contudo, sua expansão efetiva se deu a partir do fim das guerras napoleônicas, quando a França se aquietou, e a Inglaterra passou a ter o campo livre para agir nas partes mais longínquas do mundo através de sua marinha. Nada obstante, ao longo do século XIX, tanto o surgimento de novas tecnologias militares como o avanço de correntes como o social-darwinismo deram respaldo para a ocupação e a cultura de dominação buscando civilizar povos primitivos. É nesse momento que Eça de Queiroz esta escrevendo e vivendo. E foi isso que lhe causou estarecimento e que se tornou alvo de suas críticas.

Em um artigo intitulado *A Europa*, Eça de Queiroz traça a essência do que era a empresa colonial britânica: “A Inglaterra tem de vender o que fabrica, para comprar o que come — necessidade implacável que a força a procurar desesperadamente mercados por toda a terra; a arranjar povos vassallos, para obter povos fregueses.”<sup>7</sup> Contudo, a expansão teve suas

conseqüências. Nesse sentido, a situação da Inglaterra nas últimas décadas do século XIX, segundo Eça de Queiroz, era preocupante — e ele esmiúça sua realidade: “depois da crise política, múltipla e confusa feita da revolta nacional da Irlanda” — os irlandeses recorriam a violência e as armas com alguma freqüência como ocorreu em 1867 ou 1882 por conta do domínio britânico e sua recusa em ceder mais autonomia aquela que fora a primeira das colônias de assentamento e que servira de modelo para as demais — “do descontentamento agrário da Escócia, da desafeição eclesiástica de Gales, complicada ainda pela onda crescente de uma democracia de feitio continental que desagrega os velhos partidos históricos, azeda o conflito das ideias com o rancor de personalidades, e pela lógica de sua tendência descentralizadora põe em perigo a solidez mesma do velho Império.”<sup>8</sup> Na metrópole, o apelo pela unidade se dava em âmbito político, e este por sua vez se confrontava com disposição de colônias como Canadá, Austrália, Nova Zelândia de redefinir seu relacionamento com Londres, buscando mais autonomia, sendo que essas últimas conseguiram isso antes mesmo da Irlanda, cujo o impasse fora resolvido apenas no século XX.

Em *O Ultimatum*, Eça de Queiroz traça um panorama da expansão territorial britânica nas últimas décadas. “Através dos últimos dez anos [ele esta escrevendo em 1890] a Inglaterra, por uma sequência de factos, alguns imprevistos (ocupação do Egipto, pacificação temporária do Sudão, marcha dum exército até Karthum, reorganização das missões no Niassa, descoberta dos jazigos auríferos na terra de Lobengula, etc. etc. etc.), começou a entrever, como sonho realizável, a fundação de um grande Império Africano.” Ocorre que, “na sua execução, ele tinha necessariamente de encontrar obstáculos (...)”. E Portugal oferecia à Inglaterra um desses. Os ingleses reclamaram a posse de uma região do rio Chire e do lago Niassa, próxima a Moçambique. “A posse desses territórios excitava furiosamente a cobiça da Inglaterra, porque assim lhe ficava aberto o caminho político e comercial desde a colônia do Cabo até o lago Tanganica, e daí até ao Vitória Niassa e ao Nilo Branco. (...) Somente ocorria esta dificuldade: — que Portugal há duzentos anos possuía, trilhara, explorara, ocupara essa região de Mashona e essa região do Niassa.”<sup>9</sup>

A questão era simples, assim como o método utilizado pela Inglaterra para resolvê-la: enquanto Portugal pretendia manter uma rota direta entre o Atlântico e o Índico a partir de sua colônia em Angola e Moçambique, por sua vez a Inglaterra queria uma rota unindo o Egito à Cidade do Cabo! Um pequeno detalhe que levou a Inglaterra a ameaçar Portugal e a mobilizar sua frota. Em Portugal, como ocorrera diante da ameaça de Napoleão, o gabinete oscilou e por fim cedeu. O que, segundo Eça de Queiroz, foi uma atitude sensata. De nada valia arrumar complicações com a Inglaterra. E por mais que houvesse indignação diante da humilhação sofrida, os portugueses estavam impotentes diante do Leão Britânico, portanto a única coisa a fazer não era incutir ou manter ódio à Inglaterra, mas mover-se para conservar Portugal — “O grande grito a gritar não é — *Delenda Britannia*. O grande grito a gritar é — *Servanda Lusitânia*”<sup>10</sup>.

Em 1880, em um artigo intitulado *Afeganistão e Irlanda*, ele mostra como não havia limites para o expansionismo britânico e descreve e os meios empregados na ocupação de novos territórios.

Em 1847 os ingleses ‘por uma Razão de estado, uma necessidade de fronteiras científicas, a segurança do império, uma barreira ao domínio russo da Ásia...’ e outras coisas vagas que os políticos da Índia rosnam sombriamente, retorcendo os bigodes — invadem o Afeganistão, e ai vão aniquilando tribos seculares, desmantelando vilas, assolando searas e vinhas: apossam-se, por fim da cidade santa de Cabul; sacodem do serralho um velho emir apavorado; colocam lá outro de raça mais submissa, que já trazem preparado na bagagem, com escravas e tapetes.<sup>11</sup>

Em política imperial não era possível perdoar nem mesmo a Irlanda, a “ilha-irmã”, que se levantou enquanto enfrentava um período de fome que se alastrou por toda a ilha e que ceifou milhares de vidas sendo que a Inglaterra assistiu sem prestar ajuda. “Neste ponto,

radicais e conservadores são unânimes: se a Irlanda se levanta, que se esmague a Irlanda! (...) O jornal o Standard, (...) tinha uma frase adorável. ‘(...) É doloroso pensar que no próximo inverno, para manter a integridade do império, a santidade da lei e a inviolabilidade da propriedade, nós teremos de ir, com o coração negro de dor, mas com a espada firme na mão, levar à Irlanda, à ilha irmã, à ilha bem amada, uma necessária exterminação.’”<sup>12</sup>

E além do Afeganistão a Inglaterra lançou-se também sobre o Egito intervindo militarmente buscando ocupar Alexandria, Port-Said e Suez que “se acham desgraçadamente no caminho para a Índia”, motivo suficiente para se tornarem guarnições inglesas — “os ingleses possuíam, governavam Alexandria, tão naturalmente como se ela estivesse situada no condado de Yorkshire.”<sup>13</sup> Como se vê, depois que a “enorme pata anglo-saxônica” pousa sobre “território alheio, seja um rochedo em Gibraltar, uma ponta de areia como Aden, uma ilha como Malta ou todo um mundo como a Índia — nenhuma força humana pode jamais arredar ou mover.”<sup>14</sup> E o fez a partir da segunda metade do século XIX combinando poderio financeiro com poder de fogo, a metralhadora. E Cecil Rhodes (1853-1902) personificou isso: essa ambição sem limites do Império Britânico, a expansão no período vitoriano tardio.

“O século XIX”, ele escreve, “vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio, porque o mundo se vai tornando inglês. Por mais desconhecida e inédita nos mapas que seja a aldeola onde se penetre, por mais perdido que se ache num obscuro recanto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe — encontra-se sempre um inglês, um vestígio de vida inglesa.”<sup>15</sup> Se isso o incomodava na década de 1880, quando esses artigos foram escritos, é interessante pensar o que ele diria se tivesse vivido para ver os resultados da Grande Guerra. Com seu fim em novembro de 1918 e, em 1919, com o Tratado de Versalhes, o Império Britânico chegou a seu apogeu com incorporação das colônias alemãs — era possível sair do Oriente Médio e atravessar a África de norte a sul e chegar a Cidade do Cabo sem sair de território britânico. E embora tivesse chegado a seu apogeu na década de 1920, no momento subsequente começou a cambalear e a fraquejar.

Em meados dos anos de 1920 já havia uma onda antiimperialista no seio do Império, a Inglaterra. Tanto o massacre de Amritsar, na Índia, em 1919 — na ocasião os indianos se rebelaram quando os líderes de uma manifestação pacífica foram executados — e dos irlandeses ocorrido estádio de Croke Park, em 1920, contribuíram para uma virada na opinião de alguns setores da sociedade a respeito do Império. Além disso, o custo da Primeira Guerra — que se fez sentir ao longo dessa década — também contribuiu para que essa situação se agravasse<sup>16</sup>. Nesse sentido, *A Passage to India*, de E.M.Forster, fora publicado no auge do Império Britânico, mas também em um momento em que vozes dissidentes começavam a surgir — vozes tímidas, mas que com o tempo ecoaram, da mesma maneira, como um século antes, seu bisavô, Henry Thornton, junto com Zachary Macaulay e William Wilberforce, e mais alguns amigos — a Seita de Clapham — iniciaram uma campanha pela abolição da escravidão no Império.

### **E.M.Forster e o Romance *A Passage to India***

Diante do romance *A Passage to India*, a impressão que se tem é de que o choque de culturas ou a subserviência dos indianos sempre existiram e que os atritos sempre subsistiram sufocados. De certo, não fora sempre assim. Segundo Ferguson, “até as primeiras décadas do século XIX, os britânicos não tiveram a menor intenção de tentar anglicizar a Índia, e, certamente, nem de cristianizá-la.”<sup>17</sup> Contudo, após uma campanha promovida pela onda do *evangelismo*, em 1813 foi aprovada uma lei que permitia missionários adentrarem a Índia. É aqui que começa o choque de civilizações, cujo ponto culminante fora o Levante de 1857.

Com o objetivo de anglicizar e impor a cultura européia na Índia, os ingleses compraram um confronto, cujas consequências, ameaçaram as bases de sua ocupação. A idéia

era eliminar as práticas, superstições e costumes dos indianos — “em particular, três costumes indianos tradicionais despertavam a ira dos missionários britânicos (...). Uma era o infanticídio de meninas que era comum em algumas regiões do noroeste da Índia. Outra era o *thagin* (...), o culto dos sacerdotes-assassinos, que, dizia-se, estrangulavam viajantes desavisados nas estradas indianas. O terceiro, aqueles que os vitorianos abominavam, era o *sati* (...). O ato de autoimolação em que a viúva do hindu era queimada viva na pira funeral de seu marido.”<sup>18</sup>

O estopim se deu quando se espalharam rumores a respeito dos novos cartuchos que seriam utilizados pelos soldados indianos — que eram recrutados pelos britânicos e, em parte, responsáveis pelo sucesso da ocupação — seriam lubrificadas com gordura animal. E “como era preciso arrancar a ponta deles com uma mordida antes de usá-los, tanto os hindus como os mulçumanos corriam o risco de ficar impuros — os primeiros se a gordura fosse de vaca, os segundos, se fosse de porco. E foi assim que um projétil começou o conflito antes mesmo de ser carregado, quanto mais disparado” — e uma vez começada, a revolta se espalhou com velocidade por todo o noroeste: Délhi, Allahabad, Cawnpore.

O motim foi mais do que seu próprio nome sugere — foi uma guerra, “e as causas foram mais profundas do que os cartuchos revestidos de gordura. (...) Os indianos, porém, lutaram nos dois lados e a independência não estava em questão. (...) Os objetivos dos amotinados não eram nacionais no sentido moderno.” De maior significado fora, obviamente, “a reação essencialmente conservadora contra uma sucessão de interferências britânicas em sua cultura, o que parecia — e muitas vezes era mesmo — um plano para cristianizar a Índia.”<sup>19</sup>

Os problemas na Índia, ou em outras colônias, nunca cessaram, contudo, não houve nada com a dimensão do Motim de 1857 no período subsequente. Embora o Império estivesse controlado e incitasse a imaginação do público — e esse era um dos temas que mais geravam lucros através do cinema —, no período entre-guerras, marcado pela instabilidade econômica gerado pelos efeitos das dívidas adquiridas ao longo da Grande Guerra, que depois se agravaram com a crise de 1929, era freqüente algum tipo de insurreição seguida de uma resposta militar por parte da Inglaterra — essa conjuntura foi minando e maculando a *aura* do Império.

Em um artigo intitulado *Acerca de Livros*, Eça de Queiroz, à época em que servia como cônsul em Newcastle, diz que existia na Inglaterra (e talvez ainda exista) uma *Estação de Livros* — uma época, em geral entre outubro e março, reservada para a publicação de livros. É para essa época que são reservadas as publicações de “um livro de Darwin, um estudo de Matthew Arnold, um poema de Tennyson, um romance de George Meredith.” Ora, entre a prolífera literatura produzida naquele momento — e ele fala em 93 títulos anunciados pelo jornal só naquela semana! — existia um gênero que se destacava: a literatura de viagem. “Antigamente contava-se a viagem quando casualmente se tinha viajado. (...) Hoje não. Hoje empreende-se a viagem unicamente para se escrever o livro. Abre-se o mapa, escolhe-se um ponto no universo bem selvagem, bem exótico e parte-se para lá com uma resma de papel e um dicionário”. Assim sendo, a questão esta “(como a concorrência é grande) em saber qual é o recanto da terra sobre que ainda não se publicou um livro!” Nesse sentido, “quem hoje encontrar, em algum intrincado ponto do Globo, um sujeito de capacete de cortiça, lápis na mão, binóculo ao tiracolo, não pense que é um explorador, um missionário, um sábio coligindo floras raras — é um prosador inglês preparando seu volume.”<sup>20</sup>

Por si só esse dado já nos coloca diante de uma questão com relação a obra de E.M.Forster: seu trabalho tem ecos de um gênero popular entre fins do século XIX e começo do XX. Com a herança de sua tia Marianne Thornton, ele viajou a Europa e para a Índia. De suas viagens a Itália extraiu *Where Angels Fear to Tread* (publicado em *outubro* de 1905) e *A Room with a View* (*outubro* de 1908); e claro, de suas duas viagens à Índia em 1912-1913 e 1921-1922, extraiu material para *Passage to India*. Assim sendo, esse é um primeiro ponto:

seu campo de trabalho era convencional. Não havia nada de novo em se tratando dessas abordagens — *ingleses viajando por terras exóticas e distantes*.

Embora tivesse iniciado sua carreira com um gênero ficcional e em um estilo convencional, o que se sobressaiu por detrás dessa carcaça foram suas críticas infringidas à sociedade inglesa, além de sua capacidade de imprimir a essência dos valores vigentes em seus personagens, como é o caso dos Wilcoxes em *Howards End* — a revista *Punch* insistiu “Os Wilcoxes são a Inglaterra; eles contêm mais da essência da Inglaterra do que uma tarde de domingo, ou os Lords, ou Sir William Bull.”<sup>21</sup> Contudo, isso também não era nenhuma novidade segundo Eça de Queiroz: “E depois de Byron e Shelley, a legião de acusadores segue implacável e genial. É Dickens (para citar os populares) ridicularizando suas instituições; é Thackeray revelando com fria ferocidade todo seu convencionalismo social (...); é Carlyle com clamores de profeta, fulminando seu egoísmo, o seu mercantilismo, o seu materialismo; (...) é Arnold acusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza.”<sup>22</sup>

No que diz respeito à narrativa de E.M.Forster, ela em nada se difere da técnica narrativa empregada em diversos gêneros e épocas. Desde narrativas místicas até romances mais elaborados se iniciam quando algo está fora de seu lugar — o humor na comédia grega está, justamente, em situações inimagináveis ou estapafúrdias ante aquilo que é considerado a *normalidade*. Quando algo se altera, a situação passa a caminhar fora de sua normalidade. Ora, com isso, algo precisa ser feito — ou tudo muda de uma vez por todas ou tudo volta a ser como dantes. Em *A Passage to India*, a Senhora Moore e Adela Quested alteram a situação assim que chegam e se dizem dispostas a conhecer os indianos. Nada teria acontecido se elas não tivessem essa disposição ou fossem insensíveis como os demais personagens; se fossem indiferentes com relação aos indianos, se compartilhassem a visão que Rony, filho da Senhora Moore, expressa em uma dada passagem que, na verdade, representa o espírito da empresa colonial britânica — pelo menos, aquela que eles usavam para justificar seus atos: “Nós estamos aqui para fazer justiça e manter a paz. Essa é minha opinião. A Índia não é uma sala de visitas.”<sup>23</sup>

No percurso de sua primeira viagem a Índia em outubro de 1912, no navio Forster se viu acompanhado de um pequeno grupo de oficiais do exército com suas mulheres. Na roda, exceto ele, todos concordavam que ninguém deveria falar de questões “políticas com os nativos: ‘eles desrespeitam você se o fizer.’ Quando Forster disse que estava indo para lá para estar com os ‘nativos’, a mulher [de um dos militares] deu uma pequena arfada e rapidamente mudou de assunto.”<sup>24</sup> Ora, a mesma cena se repete em uma das primeiras páginas de *A Passage to India*. A Senhora Moore, assim como Forster, apresenta esse objetivo: o de conhecer a verdadeira Índia. As demais mulheres que estavam na roda ridicularizaram a idéia.

“Querer conhecer os indianos! Que sonho é esse!” — disse uma delas. “Os nativos! Imagine!” — comentou outra. “Deixe-me explicar” — disse uma terceira, mais séria — “Os nativos não nos respeitam mais depois de nos conhecer. Compreende?” — Isso acontece também com outras pessoas.

Mas a outra, perfeitamente estúpida e desejosa de mostrar-se amável, continuou: “Quero dizer que eu era uma enfermeira antes de me casar, e tive que lidar com eles, nesse sentido, estou a par da situação. Sei realmente a verdade sobre os indianos. Eu estava em uma condição pouco adequada para uma inglesa... Era enfermeira em um estado nativo. A única maneira de me comportar era mantendo rigidamente a distância”.<sup>25</sup>

A Índia apresentada por E.M.Forster, segundo Wilfred Stone, está centrada na diversidade: aparecem hindus, muçulmanos e anglo-indianos — os hindus representados pelo Professor Godbole; os muçulmanos, por Dr. Aziz; os anglo-indianos, o Coronel Turton, Major Callendar e Rony Heaslop.<sup>26</sup> Ora, diante dessa diversidade de povos, religiões e costumes, a relação entre eles é quase que naturalmente complexa. Segundo Stone, a “questão da relação

pessoal e das amizades, consequentemente, é um dos pontos centrais do livro e ofusca a questão política<sup>27</sup> — em um artigo intitulado *O desafio do nosso tempo*, Forster escreve: “Por temperamento, eu sou um individualista. Profissionalmente, eu sou escritor e meus livros dão ênfase na questão das relações pessoais e da vida privada porque eu acredito nisso.”<sup>28</sup> Portanto, não é de se estranhar que esse tenha sido, de fato, o enfoque do romance — os desdobramentos se dão a partir da relação da Senhora Moore e Adela Quested com Dr. Aziz e também de Dr. Aziz com Fielding (um inglês que se permitia conviver com os indianos).

Em sua ingenuidade e espírito hospitaleiro o mulçumano, para agradá-las, promove uma excursão as Cavernas de Marabar, onde ocorre o incidente — na verdade, um mal entendido — que levam os ingleses a acusarem-no de tentativa de estupro, o que gerou uma instabilidade e mudança de ânimos entre todos os personagens, sendo que a partir daí eles se dividem: os que acusam e os que vêem Aziz como inocente. Diante da situação, os amigos do mulçumano resolvem chamar um advogado anti-britânico chamado Amritrao (e seu nome lembra o da cidade do massacre de 1919) para defendê-lo — Fielding, que participava da discussão a respeito da defesa de Aziz, encara com receio essa idéia, afinal, “contratá-lo tornaria o caso um desafio político.”<sup>29</sup>

A acusação fora feita e aceita pelo superintendente enquanto Adela esta de repouso e sem ao menos ouvir a versão de Dr. Aziz — os ingleses simplesmente subentenderam a situação de maneira que tudo parecia muito óbvio: ele armara a excursão com esse intuito, portanto, não haveria necessidade de interrogá-lo. Uma atitude típica em se tratando de pessoas, como diz Fielding, “que desconfiam dos indianos.”<sup>30</sup> Um entendimento também expresso e compartilhado pelo Administrador, o Senhor Turton: “Tenho uma experiência de vinte e cinco anos neste país (...) e durante esses vinte e cinco anos nunca vi um resultado mais desastroso do que a relação entre ingleses e indianos.”<sup>31</sup>

Fielding, dada sua boa relação com Aziz, o defende e se junta a seus amigos na tentativa de livrá-lo da pena. No próprio julgamento, com os ânimos acesos, o choque de culturas se revela a cada nova etapa. Um dos amigos de Aziz indignado, exclama: “Estou arruinando minha carreira, mas não importa; vão nos arruinar a todos.” E então se voltando para o juiz que o havia advertido, explode: “Não estou defendendo um caso e nem você o esta julgando. Não somos mais do que escravos.”<sup>32</sup>

Ao final, e prestando seu depoimento, Adela admite que não tinha certeza acerca do que ocorrera e retira a acusação. Com a libertação, Aziz recomeça a vida em outra cidade, onde, depois de um tempo, recebe a visita de Fielding e eles se reconciliam (Aziz havia interpretado mal o apoio dado por Fielding a Adela Quested após o incidente).

Não de outro modo, as acusações e mal entendidos abalam e os colocam em pólos opostos — o que os leva a pensar que a relação entre ingleses e indianos sempre acarreta problemas e esta marcada por dificuldades e incompreensões. E embora a relação seja complexa e essa opinião amplamente aceita, existem os dissidentes. Segundo Martin, a Senhora Moore é uma “humanista cristã com um toque de misticismo.”<sup>33</sup> Sua visão, estritamente condescendente e sincera é tida como natural por parte alguém que estava deixando a vida, ou seja, alguém velho e, portanto, não é levada a sério — “era cada vez mais difícil não mencioná-lo na medida em que os anos passavam. Deus estava constantemente em seus pensamentos desde que chegara a Índia.” Seu próprio filho não compartilha sua visão e desaprova o que ela diz: “(...) A Índia é parte da Terra. E Deus nos colocou nela para ajudar o próximo. Deus...é...amor — ela hesitou um momento vendo como seu argumento o desagradava, mas algo a fez ir em frente — Deus nos colocou na terra para amar nossos semelhantes e demonstrá-lo, ele é onipresente, mesmo na Índia, para ver como nos comportamos.”<sup>34</sup>

E além da maneira como os indianos são tratados, o distanciamento dos ingleses, a qual a passagem anterior faz alusão, a ocupação é questionada. Enquanto estava enfermo,

Aziz recebe a visita de amigos e de Fielding. No meio da conversa, surge a pergunta: “Qual a justificativa para a ocupação da Índia por parte da Inglaterra?”<sup>35</sup> Esquivo, Fielding responde: “Esta é uma pergunta a qual não estou em condições de responder. Pessoalmente, eu estou aqui porque precisava de um emprego. Não posso dizer porque a Inglaterra esta aqui ou se não devia. Isto esta além de mim”<sup>36</sup> — esse diálogo tem o tom de uma conversa que Forster travou com indianos relatado em uma carta a sua mãe em 1913: “me fizeram perguntas sobre a vida em Cambridge e sobre política internacional de Sir E. Grey [Ministro do Exterior britânico].”<sup>37</sup> Ora, os ingleses (em especial, seus líderes) não viam alternativa para os indianos — e os personagens anglo-indianos também não agem de maneira diferente. E em se tratando da ocupação, em uma passagem Fielding pergunta a Aziz: “E quem você quer que ocupe o lugar dos ingleses? Os japoneses?” A resposta fora enfática: “Não, os afegãos, meus ancestrais.”<sup>38</sup> A resposta, obviamente, denota a visão que os demais asiáticos tinham dos japoneses — o medo de seu avanço e sua crueldade que depois se confirmaram ao longo da Segunda Guerra. — além de demonstrar o apego às tradições e aos ancestrais — algo característico na Índia.

Mesmo o romance estando distante de referências políticas diretas — já que a Índia sofrera modificações sérias naqueles anos implementadas pelo rei Jorge V (os indianos passaram a dividir o poder com os ingleses) — e se passando em um momento indeterminado no tempo — nem antes da guerra e nem no pós-guerra — e sendo publicado num contexto em que os desdobramentos do massacre de Amritsar e de Croke Park, além do caso de O’Dwyer — o livro *Gandhi e a Anarquia*, publicado na Índia em 1922, “atacava, sobretudo, Gandhi, que havia acusado O’Dwyer [vice-governador do estado de Punjab à época do massacre] de ‘terrorismo’ no recrutamento no tempo de guerra e o responsabilizado pelo massacre de 1919.”<sup>39</sup> A questão é que esse livro teve efeito contrário do esperado: em vez de afetar Gandhi, fez reascender a discussão a respeito do massacre de 1919. Todos esses casos, embora pareçam isolados, deram uma guinada na opinião pública fomentando uma corrente antiimperialista no seio do Império, a Inglaterra, propiciando uma calorosa recepção para o romance por parte da crítica. Contudo, esse fora um processo longo — a deterioração da idéia de *Império* fora lenta e a descolonização se intensificou somente ao longo das décadas de 1960 e 1970 —, o que significa dizer que o número de antiimperialista ainda era pequeno em 1924. Eles existiam, mas eram poucos. Por outro lado, mais significativo pode ter sido o número daqueles que se identificaram com os valores acalentados por alguns personagens que, por sua vez, representam aquilo que era notadamente uma realidade na Inglaterra — a moral, o conservadorismo, a cultura imperialista. Certamente houve identificação por parte dos leitores com personagens como Rony Heslop ou Major Callendar. No fim, não importa se foi assim. Nos demais romances, nos ensaios e principalmente no rádio, E.M.Forster completou seu trabalho traçando críticas não só ao Império, mas aos valores da Era Vitoriana — o mesmo que fazia seus amigos do *Grupo de Bloomsbury*. Em um ensaio publicado em 1920, ele expressou sua visão a respeito do Império Britânico, que por sua vez dispensa comentários: “Nós somos a pérfida Albion [antigo nome da Inglaterra], uma ilha de hipócritas, de pessoas que construíram um Império com a Bíblia em uma mão e uma arma na outra.”<sup>40</sup>

## Conclusão

Enquanto Eça de Queiroz sente a temperatura e se preocupa com o andamento de questões internacionais, a evolução do quadro político; enquanto ele sente a temperatura das tensões entre as potências européias, E.M.Forster lida com um lado pouco comentado da empresa colonial britânica. A Senhora Moore e Adela Quested, mesmo sendo inglesas, têm uma visão diferente de seus compatriotas — elas não compartilham a indiferença ou a cultura

de dominação então vigente. Nesse sentido, o romance mostra um outro lado através da sensibilidade dessas personagens que, de todo, não é diferente dos sentimentos que o próprio autor nutria pelos orientais — segundo John Arlott, “quando estava na Índia ele preferia a companhia dos indianos a de ingleses e viajava com frequência na segunda classe nos trens, se misturando alegremente com os indianos, que achavam estranho ele estar naquele vagão com eles.”<sup>41</sup>

Se Eça de Queiroz via com algum estarecimento a expansão da empresa colonial britânica, Forster sente-se indignado com o que os ingleses fizeram ao longo daqueles séculos de dominação. Em *A Passage to India*, não existe estarecimento ou preocupação, mas sim uma *indignação*, e mais do que isso, existe todo um *questionamento* da necessidade daquela ocupação. Forster não vê, obviamente, o lado econômico — que de fato, era o que fazia com que a Inglaterra mantivesse a ocupação — mas o lado humano. A Senhora Moore e Adela Quested, logo em uma de suas primeiras cenas colocam seu objetivo: conhecer a Índia, os indianos. A trama do romance gira em torno disso, e o incidente nas Cavernas de Marabar serve para mostrar a complexidade dessa relação. Por serem mais sensíveis no tocante da dignidade humana, elas visam uma aproximação com Dr. Aziz. É essa aproximação e, posteriormente, o mal-entendido, a acusação de estupro, que movimenta a trama e os colocam diante das diferenças culturais.

O levante de 1857 traz a essência do que significou o choque de culturas. Põe em relevo as conseqüências que despontaram diante da complexidade da convivência e da dificuldade de haver tolerância entre culturas e povos distintos.

Ainda que de maneira tímida — afinal, no romance, nem seu próprio filho fazia medidas às suas considerações — Forster colocou na boca da Senhora Moore os valores que levaram seu bisavô e um grupo de amigos a incitarem um movimento que culminou na transformação moral da Inglaterra (o *evangelismo*) e a encampar a luta pelo fim da escravidão no mundo, além de darem um norte nas incursões dos missionários que visavam transformar e cristianizar a Índia e as demais colônias do Império. David Livingstone (1813-1873) dedicou sua vida a isso: a encontrar uma maneira de ocupar e cristianizar a África. Ele percebeu que, tentar fazê-lo a força ou convertê-los não gerava resultados. Só havia um caminho: descobrir uma rota comercial no interior do continente que permitisse o comércio avançar — e foi isso que ele procurou em suas excursões. Com o comércio avançando e o contato dos africanos com os ingleses se intensificando, naturalmente, eles acabariam incorporando a cultura européia. Um caminho que se mostrou eficaz no longo prazo, o que quer dizer que ele morreu sem ver seu plano dando os resultados esperados. Por outro lado, E.M.Forster e seus amigos, munidos de sua irreverência e agnosticismo, estiveram à frente e dominaram o cenário da literatura e das artes na década de 1920 dispostos a levar a barrocada todos os valores que seu bisavô ajudou a difundir! Após a Guerra, “soprando em outras direções, os ventos da opinião tinham se suavizado em torno do Bloomsbury”, afinal “quando os últimos horrores da guerra — a guerra civil e a fome — tinham terminado, quando os custos tinham sido contabilizados e os mortos contados, quando os aliados já tinham brigado entre si e descoberto que não haviam criado nada mais importante do que a Revolução Russa, não foi difícil verificar que havia finalmente algo a ser dito acerca da descrença do Bloomsbury na guerra.”<sup>42</sup> Depois de *A Passage to India*, o último romance publicado em vida, E.M.Forster passou a colaborar exclusivamente em revistas e jornais como crítico e ensaísta, imprimindo nesses escritos seus valores além de sua visão a respeito dos rumos da Inglaterra e da Europa. Embora ele se mostre preocupado com as dificuldades e as ameaças à liberdade de expressão, e mesmo com o fascismo, o que realmente lhe importava eram as pessoas que ele tinha a seu redor, seus amigos — sentimento esse que ele expressa em sua frase mais famosa em um ensaio intitulado, *O que eu acredito*: “se eu tiver que escolher entre trair meu país e trair meu amigo, espero ter coragem para trair meu país.”<sup>43</sup>

## **Fontes Impressas**

FORSTER, Edward Morgan. A Passage to India. London: Everyman's Library, 2005.

FORSTER, Edward Morgan. Two Cheers for Democracy. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951.

FORSTER, Edward Morgan. Abinger Harvest. London: Edward Arnold, 1946.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria de. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. Porto: Lello & Irmão, s/d.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. Cartas de Inglaterra. Porto: Lello & Irmão, 1951.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. Correspondência. Porto: Lello & Irmão, s/d.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. Notas Contemporaneas. Porto: Lello & Irmão Editores, 1909.

## **Referencias Bibliográficas**

BEUAMAN, Nicole. Morgan: A biography of E.M.Forster. London: Hodder & Stoughton, 1993.

FERGUSON, Nial. Império: como os britânicos criaram o mundo moderno. São Paulo: Planeta, 2010.

FURBANK, P.N.. E.M.Forster: a life. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010.

MARTIN, JOHN S.. E.M.Forster: The Endless Journey. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MOFFAT, Wendy. E.M.Forster – A New Life. London: Bloomsbury, 2010.  
MOMMSEN, Wolfgang J. La Epoca del Imperialismo: Europa. Madrid: Siglo XXI, 1995.

MONICA, Maria Filomena. Eça: Vida e Obra de José Maria Eça de Queiroz. São Paulo: Record, 2001.

STALLYBRASS, Oliver (ed.) Aspects of E.M.Forster. New York: Harcourt Brace & World, 1969

STONE, Wilfred. The Cave and the Mountain: a study of E.M.Forster. Stanford: Stanford University Press, 1966.

TOOLEY, Sarah. The Personal Life of Queen Victoria. London: Hodder and Stoughton, 1896.

OS ESCRITORES: as históricas entrevistas da Paris Review. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

---

<sup>1</sup> (OS ESCRITORES: ENTREVISTAS DA PARIS REVIEW, 1988, p.18).

<sup>2</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, p.43-44).

<sup>3</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1909, p. 212-213)

<sup>4</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, p.38).

<sup>5</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1909, 106).

<sup>6</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, p.37).

<sup>7</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1909, p.204).

<sup>8</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1909, p.205).

<sup>9</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, 229-231).

<sup>10</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, p.250).

<sup>11</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.5-6).

<sup>12</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.15).

<sup>13</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.153).

<sup>14</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.140-141).

<sup>15</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.165).

<sup>16</sup> Ao longo das Conferências e Reuniões entre Churchill e Roosevelt durante os anos da Segunda Guerra Mundial fica claro o destino do Império Britânico após a derrota da Alemanha: ele não teria mais lugar no mundo. Após a guerra, a Marinha Britânica, que fora responsável pela manutenção do Império ao longo dos séculos, seria inútil diante da bomba atômica e das novas tecnologias militares. Clement Attlee, o Primeiro-Ministro que substituiu Churchill após o fim do conflito, percebera isso — segundo ele, tanto a Comunidade quanto o Império “não são uma unidade que pode ser defendida por si mesma (...) As condições que tornaram possível defender uma sucessão de possessões espalhadas por cinco continentes se foram” (FERGUSON, 2010, p.368). O custo material da guerra, além dos ideais defendidos pelos Estados Unidos — democracia e liberdade — conflitava com a idéia de Império. Roosevelt deixou isso muito claro — embora Churchill insistisse que não se tornara Primeiro-Ministro para ver o Império se dismantelar. Na última noite da Conferência em Casablanca em 1942, enquanto fumava seu cigarro derradeiro na companhia de seu filho, Roosevelt disse que os ingleses sempre escolheram bons aliados e por isso “sempre conseguiram terminar por cima, mantendo rígido controle sobre povos e mercados no mundo todo (...) [no entanto] nunca lhe passou pela mente que estamos lutando justamente para livrar aqueles povos das idéias imperiais arcaicas e medievais (...) Espero que concluam que não são o parceiro principal, que não vamos ficar sentados, após a vitória, assistindo o seu sistema impedir o crescimento das nações da Ásia e de metade das da Europa (...) Inglaterra assinou a Carta do Atlântico e espero que perceba que o governo dos Estados Unidos esta disposto a fazer com que a cumpra” (FENBY, 2009, p.192).

<sup>17</sup> (FERGUSON, 2010, p.152).

<sup>18</sup> (FERGUSON, 2010, p.158).

<sup>19</sup> (FERGURSON, 2010, p.163-164).

<sup>20</sup> (EÇA DE QUEIROZ, 1951, p.25-27).

<sup>21</sup> (FURBANK, 2010, p.188).

<sup>22</sup> (EÇA DE QUEIROZ, s/d, p.240).

<sup>23</sup> (FORSTER, 2005, p.40).

<sup>24</sup> (FURBANK, 2010, p.223-224).

<sup>25</sup> (FORSTER, 2005, p.19).

<sup>26</sup> (STONE, 1966, p.317).

<sup>27</sup> (STONE, 1966, p. 320-321).

<sup>28</sup> (FORSTER, 1951 p.55).

<sup>29</sup> (FORSTER, 2005, p.156).

<sup>30</sup> (FORSTER, 2005, p.153).

<sup>31</sup> (FORSTER, 2005, p.147).

<sup>32</sup> (FORSTER, 2005, p.202-203).

<sup>33</sup> (MARTIN, 2010, p.144).

<sup>34</sup> (FORSTER, 2005, p.42-43).

<sup>35</sup> (FORSTER, 2005, p.97).

<sup>36</sup> (FORSTER, 2005, p.97).

<sup>37</sup> (FURBANK; LAGO, 1983, p.180).

<sup>38</sup> (FORSTER, 2005, p. 292).

<sup>39</sup> (FURBANK, 2010, p.122).

<sup>40</sup> (FORSTER, 1946, p.10-11).

<sup>41</sup> (STALLYBRASS, 1969, p.88).

<sup>42</sup> (BELL, 1993, p.85).

<sup>43</sup> (FORSTER, 1951, p.68).